

37 - TEOBERTO LANDIM

TEOBERTO LANDIM

Sebastião TEOBERTO Mourão LANDIM, filho de Francisco Furtado Landim e de Heleônidas Mourão Landim, cearenses, nasceu em Pio IX, Piauí, no dia 2 de março de 1943. Passou toda a infância no interior cearense. Fez o curso primário no Seminário Diocesano São José, de Sobral, e o curso secundário no Colégio Estadual Liceu do Ceará. Licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará, fazendo posteriormente Mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e Doutorado em Literatura Brasileira na mesma Universidade, em 1989. Professor de Literatura Brasileira do Departamento de Literatura (do qual atualmente é Chefe) do Centro de Humanidades da UFC, é professor do Mestrado em Letras da mesma instituição, tendo sido orientador de várias dissertações. Ao longo de sua carreira foi professor do Colégio Santo Inácio, do Colégio Santa Cecília e do Colégio da Imaculada Conceição, tendo exercido o cargo de Dirertor do Colégio Demócrito Rocha, do Colégio João Pontes e do Colégio Equipe. Obras publicadas: ***Conversa Fiada*** *(1983), contos;* ***Trocando em Miúdos*** *(1984), ensaios;* ***Busca*** *(1985), romance;* ***Literatura sem Fonteiras*** *(1990) em colaboração com Helmut Feldmann;* ***Seca: a Estação do Inferno*** *(1992), tese de Doutoramento. Tem publicado inúmeros artigos em periódicos do Ceará, de outros Estados e até do exterior. Um trabalho seu, "Reflexões Sobre a Educação", figura no nº 9 dos* ***Documentos Universitários*** *(1981), da UFC; podemos destacar também "O Lirismo Irreverente de José Alcides Pinto", na revista* ***Clã*** *nº 29 (1988). "A Transgressão do Modelo", em* ***Cadernos Rioarte*** *nº 2 (1982), do Rio de Janeiro; "Os Peães — a Trilogia Cosmogônica", sobre a poesia de Gerardo Mello Mourão, na* ***Revista do Brasil,*** *nº 5 (1982), "Salim Miguel: o Castelo de Frankenstein", em* ***Colóquio/ Letras,*** *nº 101 (1988), de Lisboa; "A Trajetória Poética de Gilberto Mendonça Teles", em* ***Momentos de Crítica Literária,*** *v. I e II*

(1988), de Campina Grande, PB, além de colaboração em jornais. Tratando do livro ***Conversa Fiada****, disse José J. Veiga: "Seus contos são como uma conversa não 'fiada', mas fiada, i. e., artesanal e suave, e a linguagem em que se apóiam é também muito bem fiada, precisa e limpa. (...) Se este é o seu primeiro livro, você estreou brilhantemente." E Rosemberg Cariry, falando do mesmo livro, expendeu esta opinião: "Possuidor de preciso domínio na difícil arte do conto, Teoberto Landim envereda na riqueza lingüística da fala popular, resgatando a complexidade social e a força telúrica do homem sertanejo, projetando-o numa visão universalizante."*

TRAVESSIA

O trem parou devagarinho. Os trilhos gemiam com os freios das rodas pesadas. Cinco minutos de parada, somente para a descida de quem ia ficar e o embarque de outros, que viajariam. E o trem permanecia estirado na sua preguiça, indolente para quem tinha pressa e paciente para quem contemplava aquela paisagem perdida na distância, que só quem tem os olhos abertos para dentro é capaz de reencontrá-la na infância. Na infância somos acostumados a pegar, daqui e dali, pedaços que caem da nossa realidade no dia-a-dia e guardamos. Quando menos esperamos metemos a mão no bolso e trazemos para o presente uma lembrança, que nem lembrávamos mais, mas que arrancou de nós soluços feitos de saudades.

Somente um poeta poderia, em lirismo ardente, juntar as distâncias, e fazer-nos renascer nos versos. Os sinos que anteriormente me guiavam nos seus tem, tem, tem — vem, vem, vem — quem, quem, quem — bem, bem, bem, também, também... notas lembranças, sons recados, numa intensa slnfonia, hoje só me falam na memória ja encaleçada pelos anos. Ah, sinos da Betânia, ontem eu sorria aos teus anúncios, hoje, lastimo o teu desprezo, como eu gostaria de ser menino outra vez e seguir a vida inteira os teus anseios!

Foi ali que Lúcia subiu no vagão especial e sentou-se bem na frente da minha poltrona. O trem devagarinho, mais depressa, mais depressa, mais corria, velozmente, tal um cavalo poltão atrás da besta no cio. Não parecia aquela serpente estirada no meio da estrada, engolindo a nós todos e ruminando em cada estação. A moça me fez esquecer a paisagem e eu voltei a querer ser adulto outra vez. Não queria mais que o poeta fizesse poesia, eu queria mesmo era me perder no sonhar perverso daquela noite que nos esperava. As verdadeiras noites do sertão, cheias de astros, mil pontinhos pipocando os céus e ferindo a imaginação. Que bela viagem! Que beleza a de Lúcia, que encanto o da natureza!

Fui mais além, adormeci... No meu sono acalentado com o balanço ritmado do trem, eu sonhava mais do que dormia. Minhas palavras voavam, sim, voavam no agasalho da ilusão, mas eu estava no sono acalentado, ah, se eu estivesse sempre sonhando!

sempre e sempre... Muitas palmas, muitos gritos, risos... Tu dançavas, tu olhavas para a lua, quando eu olhava teus passos, muitos passos. E agora não era mais o balanço ritmado do trem que me embalava, era o balanço do teu corpo no compasso e no pulsar dos meus instintos. E eu dançavá seguindo os teus passos, para um lado, para o outro, para frente, para trás, para o alto, eu sempre me perdia na virada, tu sempre mais habilidosa voavas pelos ares.

De repente, tiraste a veste de tua aparência. Ficaste uma vitrine nua... depois, antes, o que dizer? Nada, apenas contemplei toda a farsa revestida em pessoa. Caíste nos braços de outro que há muito te estirava os olhos, e ficaste. As mulheres nunca se definem, deixam sempre uma margem verde para que muitas, muitas palmas sejam de riso e para que o riso seja de lágrimas e de grito. A meiguice era o teu manto, lamento ter-te olhado quando também deveria ter olhado para a lua, mas os sons dos sinos ficaram como ficaram meus passos seguindo sempre os teus. Na minha desculpa, diante de tantos dissabores, aquele banco foi testemunha, aquela árvore me cedeu sua sombra, o sol me enxugou o pranto. Perdi a batalha, mas gosto de sonhar, por isso renovo sempre as lutas.

No outro dia, me olhava com cerimônias e cheia de cavilação. É bom um dia atrás do outro. O reencontro das águas no mar é mais uma maneira de dizer que até as pedras se encontram. E eu sei que a distância que nos separa é transponível com um piscar de olho, portanto é bem maior esta distância, pois ela não é material. Mas como fêmea estás sempre esperando o bote certeiro do macho, na hora exata, e aí tu cairias nos meus braços sem pudores e sem temores, e me arrancarias a última gota de vida.

E eu passaria a vida toda te amando, até que meus impulsos se voltassem para outra mulher, e eu visse que sempre a nova presa desperta mais interesse, faz desabrochar mais afetos, começando então novo ciclo que se mistura com os outros mil, e no sonho eu ouço o barulho de muitas palmas, gritos, risos. Retiro do bolso meu lenço para enxugar o suor que corria no teu rosto e se juntava com as lágrimas intensas, ligeiras, de repente também meu lenço ficou encharcado como nós e não servíamos um para o outro e mesmo assim chorávamos os dois a separação. Toda separacão, de início, é dolorosa. Não sei se é de todo dolorosa, apenas sei que já no meio do percurso sempre um suspiro aliviado surge, e surge

de dentro como um furacão abrlndo-nos horlzontes.

Naquele dia, mandei a mala para Crateús e segui para Fortaleza. Minha mãe não queria me ver sem o manto que me enclausurou quase a vida toda. E aquela paisagem que da janela do trem eu via foi a lembrança que arranquei do bolso da minha infância. A primeira imagem gravada na memória indecisa. Dentro da mala uma carta que dizia: Não morri. Estou atendendo a um pedido, ou talvez uma ordem. Não sei qual dos dois seria melhor aceitar para melhor conviver com ele. A verdade é que tanto um como o outro maltrata. Um dia a vida voltará a nos encontrar outra vez. Claro, até as pedras se encontram, e talvez reconheçamos que a vida dá muitas voltas e que numa destas voltas tenhamos um encontro comum ou pelo menos mais próximo em que possamos desejar felicidade um ao outro. Esta é minha mala. Não estou mandando para guardá-la como lembrança. Não podemos viver de lembranças, não podemos ficar olhando para trás e procurar consolo nas lembranças do passado, esqueçamo-las, é bem melhor assim, dói menos.

Aquela mala chegou ao destino com todo meu passado. Até as tristezas e as mágoas as fechei com sete chaves. Seguimos em direção oposta, um trem que ia e outro que vinha. E nos distanciávamos a cada baforada do comboio jorrando fumaça aos céus. E a cada freada brusca do trem, reprimindo as rodas contra os trilhos, me fazla lembrar os sinos da Betânia que me davam recados sonoros. Mas eu lutava contra as lembranças que me tentavam aprisionar, era melhor asslm, dói menos. Quando elas estavam-me vencendo eu procurava sonhar, e acordava quase pensando em voz alta: Não podemos também viver sem lembranças.

Lúcia dormia só no seu silêncio. Talvez ela fosse ali a melhor lembrança. A lembrança que nunca foi porque nunca foi passado. Em frente a minha poltrona ela era aquela paisagem que a distância apagou. Eu dava um passo na esperança, e sonhava agora acordado. É um sonho sem muitos vôos. É como se estivéssemos voando de asas cortadas, o pouso é muito rápido. E assim consciente eu via Lúcia na longa distância e inconsclentemente Lúcia estava a meu lado, e eu tinha vontade de ser poeta e cobri-la de beijos e de versos. Peguei um papel e uma caneta e escrevi: Um sonho se acaba e outro nasce entre estrelas. O primeiro empacotei na desesperança e fechei com sete chaves depois de sete anos de acalanto. Um acalanto sem muitos

encantos que logo se perderam nos mais tenebrosos andaimes dos quinze anos. O outro, está aí, nasceu sem futuro, durará algumas horas de viagem.

O SUSTO DO VIGÁRIO

Quando a noite chegou, apagamos a luz da varanda e mudamos as cadeiras para a calçada. Foi sugestão do Santana. A lua brilhava com mais intensidade. Percorria livre todo o espaço celeste. Chico Torres, Santana e Pedrosa tinham cadeiras cativas na casa paroquial. Logo depois do jantar começavam a chegar. Primeiro o Santana, ainda com o palito na boca, arrastando o chinelão de couro cru, se entregando a uma espreguiçadeira. Depois o Chico Torres, todo paciência, cerimonioso e calculista, homem de conversa curta. O último a chegar era sempre o Pedrosa, comerciante, candidato anônimo à prefeitura municipal. Gostava do Jornal Nacional, por isso estava sempre em dia com as notícias. Chegou contando a estória do seqüestro do comerciante de São Benedito, com todos os pormenores, um horror! O assunto passou para as fofocas locais, mas de vez em quando. . .

— Depois de dois dias, o corpo do comerciante foi encontrado com cinco tiros e jogado aos pedregulhos de serra abaixo.

— Vamos deixar esta conversa de lado, compadre, que eu já estou ficando assombrado. Durmo sozinho neste casarão centenário. E agora, com essa estoria de fantasma, já vivo assustado. Santana, conta aquela estória do vereador que perdeu a eleição por um voto e deu uma surra na mulher porque ela se esqueceu de votar...

Assim as horas se passavam depressa, quando menos se esperava estava na hora de dormir. Recolhi-me. Terminei de rezar o Breviário, fiz outras orações, pedi a Deus uma boa noite. Dormi. Não sei precisar a hora, acordei com batidas na porta da frente. Meu pensamento como um raio se ligou à estória do seqüestro. Pensei... eles já sabem que moro só, pensam que tenho muito dinheiro... não! pode ser o padre Dias com suas loucuras. Forçaram com mais força. Quem é? fala logo, Dias, deixa de brincadeira! Nada! o mesmo silêncio... o ranger da porta frágii,

outro empurrão, quem é? Nada de resposta. A estória do seqüestro, o corpo com cinco tiros, jogado de serra abaixo, pavor... Peguei minha pistola, me escondi atrás da porta do meu quarto, a cabeça e o braço direito de fora, tenho que acabar logo com isso, mirei... atirei... o mesmo silêncio, e a mesma pressão na porta, agora na do escritório. Ouvi bater na estante. Não, não vou acender a luz, pensei sozinho. Meu Deus, estão forçando a porta que dá do escritório para meu quarto. Porta frágil... será que eu coloquei a tranca? Resolvi disparar outro tiro... Nada! continuou o silêncio... a porta não vai resistir, vou gritar. . . compadre Santana! ladrão dentro de casa! Nem uma voz para me encorajar: ladrão dentro de casa! Socooooorro! Até que enfim uma voz soou do patamar da Igreja. Sangue novo me correu nas veias. Mais coragem, sufoco... Cuidado! entrem pelo escritório! cuidado!

— Pronto! é uma mulher, está nua, sangrando, tragam um lençol, chamem a polícia. Pronto, padre, acenda a luz, não é ladrão não...

A doida fugira do velório de um irmão que tinha sido assassinado. Saíra correndo dizendo que ia buscar a polícia. Fez um percurso longo por dentro do mato, rasgando-se toda, roupa e corpo, trazia apenas um cipó na mão e não disse uma palavra. É a tal estória. Cada doido com sua mania.

Poucos dias depois, quase não resisti a um infarto.

De *Conversa Fiada* (1983).